

O FACTOR BELLUCCI

A pergunta era bem mais complicada de responder, se lhe déssemos uma conotação séria, mas numa almoçarada entre velhos amigos, só homens, que acontecia de tempos a tempos, bastava-me um pouco de bazófia machista. Por que é que um homem trai a sua mulher? Pela mesma razão que sobe à montanha: porque ela (a outra) está lá.

O meu nome é Zé, tão banal quanto a minha vida. Funcionário bancário, acomodado a um emprego razoavelmente bem pago, mas sem nada fazer para conseguir a promoção que já poderia ter vindo há muito, aconteceu-me passar pela vergonha de só ver a minha dignidade profissional ser defendida pelo meu filho, de nove anos. Um dia, o Quico esmurrou um colega por minha causa. O outro disse-lhe que o seu pai era melhor do que o dele e, bem, basicamente, que eu não prestava para nada. É daquelas situações que dão que pensar. Por razões óbvias, não podia enaltecer a atitude do meu filho. Vontade não me faltava, mas como também não estava disposto a admitir que, de facto, eu não era grande coisa, fiquei-me pelo sermão da ordem e expliquei-lhe que os problemas não se resolvem ao murro. Mas confesso que me senti deprimido. Ali estou eu, meio deitado no sofá, ao serão, agarrado ao comando da televisão, obeso e relaxado, ao lado da minha mulher obesa e relaxada — estão a reconhecer a cena? —, sem qualquer interesse por nada, sem força anímica para coisa alguma, deixando-me hipnotizar pela televisão. Não me orgulho de o dizer, mas é necessário reconhecer, o meu lugar no sofá tinha a forma do meu corpo.

E é preciso vir o meu filho e pumba, dar um murro no colega para me abanar a consciência.

Verdade seja dita, o murro do meu filho não foi suficientemente poderoso para mudar a minha vida. Funcionou assim como uma chamada de atenção, mas mudar não. Se mudássemos de cada vez que algo nos abala, não fazíamos mais nada na vida, pois não? Exacto. E eu já me habituara tanto a não fazer nada de especial que mais vergonha, menos vergonha não ia mudar coisa nenhuma. Para mim, a felicidade era aquilo que eu tinha, uma existência fácil, resignada, um emprego seguro, uma mulher que me amava, um filho que me defendia. Era pouco ambicioso, bem sei, mas talvez a felicidade não passasse disto, ou talvez eu não acreditasse na felicidade dos livros e dos filmes, que nos fazem pensar que podemos concretizar todos os nossos desejos, desde que tenhamos força de vontade e coragem para nunca desistirmos. Os livros e os filmes ajudam-nos a ter uma perspectiva mais positiva do mundo que nos rodeia, provocam a nossa imaginação, desafiam-nos a sair dos casulos em que temos tendência para nos enfiarmos por nos parecerem mais seguros, como se os nossos problemas desaparecessem só por nos escondermos atrás de uma rotina tranquila e inofensiva. Fosse como fosse, eu não pegava num livro há anos e não ia muito ao cinema. E, nessa época, quando decidi ir, deu asneira.

Como muitas vezes acontece na nossa vida, a minha deu uma enorme cambalhota quando eu menos esperava. A esta improvável reviravolta chamei, ainda que em segredo, o Factor Bellucci. Bellucci, aliás Cátia-super-parecida-com-a-Mónica-Bellucci, era a deusa do banco, a mulher mais bonita entre nós, mortais bancários. Cátia caminhava acima de nós, noutra patamar, com umas pernas compridas que não podiam ser reais. Eu costumava vê-la passar nos corredores do banco e não me lembro de alguma ocasião em que, tendo-me cruzado com ela, não tivesse ficado a olhar. Era simplesmente impossível seguir em frente sem dar uma espreitadela discreta por cima do ombro. Discreta achava eu, claro, pois surpreendi muitos dos meus colegas a fazerem a mesma figura de parvos. Em todo o caso, quando nos cruzávamos trocávamos um bom dia ou boa tarde sem história e lá íamos à nossa vida. Não havia conversa, eu não tinha conversa para ela, imaginava-me a arriscar-me a meter-me

com ela e tinha a certeza de que iria arrepender-me para sempre. Ela era demasiado bonita e eu demasiado patético, ou, nessa época de fraca auto-estima, achava que sim.

Como é que Cátia se tornou minha amante é uma história não muito comprida que saberão mais lá para a frente. O que interessa agora é que foi muito mais fácil do que eu estava à espera — embora eu nem sequer estivesse à espera — e aconteceu na mesma altura em que fui promovido a director — que também não estava à espera. Algumas almas mais cínicas estarão a pensar *ah, pois...* mas enganam-se. O primeiro contacto transcendente com esta mulher incrivelmente bonita foi *antes* da minha promoção. Não nego que o sexo veio depois, mas, que diabo, o trabalho de sapa já estava feito. Moral da história: não há mulheres impossíveis, eu é que não sabia. E não sejamos hipócritas, o primeiro homem que nunca pensou em enganar a sua mulher que atire a primeira pedra. E a primeira mulher que nunca pensou em desembaraçar-se do seu marido que... *okay*, deve haver algumas, não atirem pedras.

Agora, olhando para trás, não tenho dúvidas em dizer que foi um erro. E também não tenho a menor dúvida de que foi um daqueles erros muito, mas mesmo muito difíceis de evitar. A beleza de Cátia, a excitação, o sabor a vitória, tudo isso foi inebriante nos dias subsequentes à grande queca. Andava extasiado com a enormidade da minha conquista. Quer dizer, não se tratava apenas de uma mulher vulgar, gira, engraçadinha, por quem nos entusiasmos e pode ou não acontecer irmos parar à cama dela, se não travarmos a tempo e dissermos, tenho que ir para casa senão a minha mulher mata-me. Reparem, a alcinha de Cátia no banco era Bellucci, isto não vos diz nada? Claro que os tipos mais ressabiados referiam-se a ela como a burra da Bellucci, mas todos sem excepção adorariam estar no meu lugar — se soubessem, evidentemente.

Cátia não era burra, o problema de Cátia, que me favoreceu no início e me tramou no final, era a solidão. Parece um paradoxo, mas se virmos melhor não é assim tão estranho. Cátia nascera abençoada por uma beleza acima da média, podia ter-se tornado modelo internacional, actriz de cinema, apresentadora de televisão, enfim, podia ter alcançado a fama e a fortuna, mas isso não acontecera talvez por não ter vocação para nenhuma dessas profissões ou, simplesmente,

porque nunca fora descoberta. Cátia vivia sozinha em Lisboa, longe da família e dos amigos e tinha um emprego banal. Era bonita, mas tímida e sem o menor jeito para usar a seu favor essa vantagem, para a esmifrar o melhor possível. Em última instância, a beleza só lhe trazia contrariedades, pois intimidava os homens e afastava-os e aguçava a inveja das mulheres.

A solidão de Cátia tornou-a tão dependente de mim que começou a ser asfixiante. Sabem quando adoramos uma música linda que, a partir de certa altura, de tanto a ouvirmos passamos a achá-la enjoativa? Pois, já vejo sobrolhos levantados, não foi o melhor exemplo, Cátia era uma pessoa, não era uma música nem uma lata de Coca Cola que deitamos fora quando já não nos apetece mais. Mas que a relação com ela se transformou num problema de grandes proporções, isso é um facto indesmentível. E que eu não a amava, também. Eu adorava o conceito, ter um caso com a mulher mais bonita do banco, e como tal não queria largar mão dela, mesmo sem saber o que fazer com ela. Andava baralhado e a afundar-me num problema que acabou por deixar-me numa situação impossível.

Cátia não foi a única. Como se estivesse empenhado em complicar ainda mais a minha vida, comecei a sair com outra mulher. Havia um certo deslumbramento a conduzir as operações. Apesar de todas as dificuldades, do cansaço, de me distrair das responsabilidades do meu novo cargo no banco, que me solicitava disponibilidade e concentração totais, eu era um homem novo, ou melhor, eu era como um jovem exuberante a descobrir as possibilidades da vida, a desconstracção em pessoa, caminhando em cima do arame.

Poder-se-ia dizer que eu entrara na crise dos quarenta, só que tudo isto estava a acontecer-me nos meus trinta e cinco, de modo que, se era esse o caso, eu tinha-me adiantado cinco anos. Mas, a avaliar pelos sintomas, era mesmo a crise dos quarenta. O meu filho acordara-me de uma longa letargia com a força de um murro na barriga — e no nariz do colega dele — e eu assustara-me com aquilo em que estava a transformar-me. O tempo estava a correr e eu, acomodado, tinha parado algures, não sabia bem aonde. Os sintomas: O meu casamento não era bom nem mau, simplesmente não me incomodava, a minha mulher já não se esforçava para me seduzir e eu gostava dela mas não me entusiasmava com ela. O

emprego era isso, só um emprego, um mal necessário, um lugar onde passava os dias fazendo o menos possível para não morrer de fome. Nada de carreira cheia de stress, nada de pedalar a duzentos por cento para marcar a diferença, para ultrapassar a malta toda e ser considerado o próximo tipo a promover. Em casa preferia adormecer no sofá em frente à televisão; no banco preferia bater as teclas do computador com dois dedos, fitando o ecrã como um sonâmbulo.

A maioria das pessoas que ganham o primeiro prémio do euro-milhões ficam extasiadas de felicidade, se bem que depois não façam a menor ideia do que fazer com aquele dinheiro todo, para além das compras da ordem, um carrinho, uma casinha e tal. Eu senti-me exactamente da mesma maneira. Fui promovido sem o merecer, tive sucesso com as mulheres sem fazer nada de especial para isso e, bem, geri a minha nova situação de um modo desastrado. A parte boa é que pelo menos agora já não andava a boiar na pasmaceira, já não era o cromo do sofá e o meu filho já não precisava de esmurrar os colegas porque os pais deles eram melhores do que o dele.

Mas novas questões se colocavam. Como desfazer a embrulhada em que me metera ao iniciar o caso com Cátia e, já agora, como resolver o caso com a minha segunda namorada do momento, que me obrigava a entrar em autênticas loucuras por umas horas de sexo — sexo bom, há que admiti-lo; perguntava-me se queria ficar com uma, com as duas, ou com nenhuma; como salvar o meu casamento, se é que, no fundo, o queria mesmo salvar; como encontrar um equilíbrio, de maneira a conseguir ter rendimento no banco e provar que a promoção para o meu novo cargo não havia sido afinal um mero erro de *casting*. Eu precisava de me organizar e isso, conforme vim a descobrir, era o mais difícil de tudo. Que diabo, de repente eu tinha três mulheres, um filho, um gabinete novo e carro de empresa. O que é que poderia querer mais? Talvez um pouco da paz de antigamente?

Agora, passados uns anos, depois de tudo acontecer, não garanto que seja muito mais feliz, mas sou um homem diferente. Perdi coisas boas, ganhei outras igualmente boas. Passei por uma fase difícil, tomei decisões erradas e redimi-me com outras tantas correctas. Já não me abrigo no conforto do meu sofá, agarrado ao comando da televisão, anestesiado, sem me permitir pensar, nem que

vagamente. Consegui libertar-me dos meus medos, das minhas inseguranças e prefiro acreditar que a felicidade se vai construindo desde que nos esforcemos por isso. Descobri que quando estamos satisfeitos com o pouco que temos e já não nos abana a vontade de conquistar nada, já não nos interessamos por nada, estamos metidos num bom sarilho. Contudo, houve alturas em que morri de saudades de pelo menos uma parte dessa minha existência fácil, prostrada e desinteressante. A vida é mesmo assim, não é? Somos tentados pelo desconhecido e mordidos pela nostalgia do passado.